

CCDRC promove reflexão para encontrar melhores propostas para o PROTC

## Futuro da região Centro poderá passar por Sistema Regional de Inovação

**«Vontade política» será fundamental, mas o futuro da região Centro passará, entre outras medidas, pela criação de um Sistema Regional de Inovação. Quem o diz é o coordenador do PROT, António Figueiredo, que ontem participou num dia de reflexão sobre como será a Região Centro em 2025, promovido pela CCDRC na Curia**

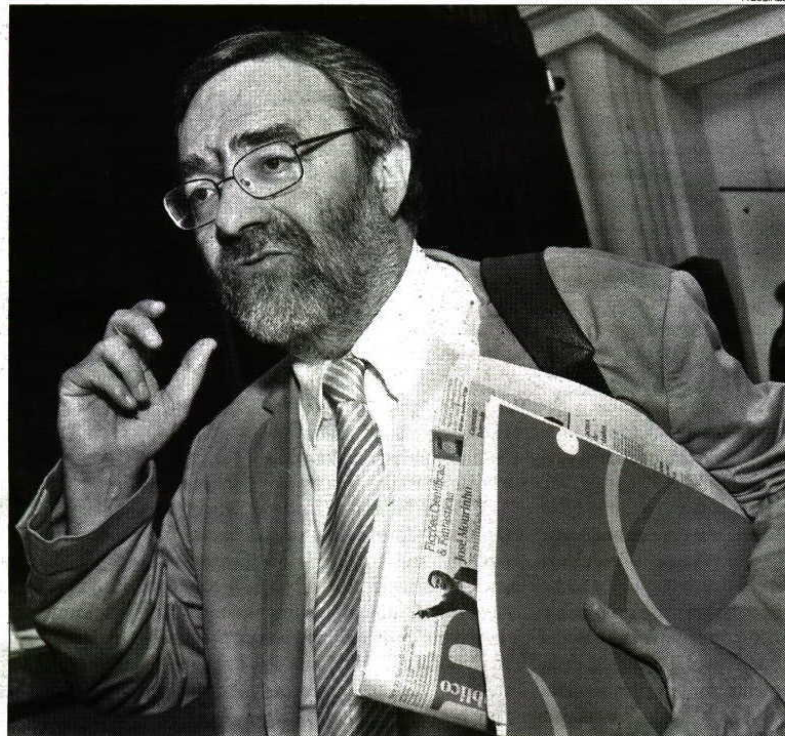
ANA MARGALHO

O coordenador do Programa Regional do Ordenamento do Território (PROT) considera que a Região Centro é uma das três do país «com massa crítica» para ver desenvolvido um Sistema Regional de Inovação que defina regras de funcionamento e acesso a financiamento para promover a articulação entre centros de conhecimento e o tecido produtivo (universidades, Centros Tecnológicos e de Inovação, empresas e outros).

«Provavelmente, não há em Portugal massa crítica para cinco centros, mas, pelo menos, para três há, e a região Centro é um deles», confirmou o responsável, recordando que existem nos seis distritos da região importantes centros de conhecimento nas mais diversas áreas que poderão vir a trabalhar com regras e objectivos comuns, em prol do desenvolvimento da região, mas admitindo que, neste momento, «grande parte delas estão sujeitas a lógicas que não são regionais».

António Figueiredo falava ontem, na Curia, durante a apresentação das conclusões de um dia de reflexão sobre o futuro da Região Centro, promovido pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDRC), e que contou com a participação de 22 personalidades com intervenção relevante em sectores decisivos para o desenvolvimento competitivo e sustentável da região, que foram convidados a encontrar o melhor de três cenários para o desenvolvimento da Região Centro em 2025.

A criação de um Sistema Regional de Inovação é, de acordo com o responsável, uma



António Figueiredo defende criação na região Centro de um Sistema Regional de Inovação

«necessidade incontornável», mas só poderá ser uma realidade se houver «vontade» das várias instituições produtoras de conhecimento, mas especialmente «vontade política» para as estimular a trabalharem nesse sentido. «Precisamos de saber se Portugal quer continuar a trabalhar com os centros dos Estados Unidos, por exemplo, ou se quer ser parceira de instituições produtoras de conhecimento do país», adiantou António Figueiredo, considerando que, neste momento, «é muito difícil criar estes sistemas no espaço territorial» do nosso país.

### «Visão estratégica partilhada»

«É ainda uma miragem» porque, como afirmou, «joga com outros interesses». Seja como for, este seria um bom motor de desenvolvimento da Região Centro para o futuro e um factor a ter em conta quando se desenha um plano como o PROTC, e isto tendo em conta que foram colocadas em análise três linhas de desenvolvimento: Inovação e Competitividade Económica, Sustentabilidade Ambiental e Valorização do Território.

Convidado a encerrar a ses-

são, João Ferrão, secretário de Estado do Ordenamento do Território, elogiou a iniciativa da CCDRC, considerando-a «um passo importante» para o que diz ser essencial para o desenvolvimento de qualquer região: «uma visão estratégica partilhada de base territorial», que implica «uma visão de longo alcance que é incompatível com o amadorismo, o imediatismo, o imprevisto, com o logo se vê» e que implica a existência de uma partilha, ou seja, «de se falar, ouvir, debater, aceitar com racionalidade as contradições». «Este exercício de discussão sobre o PROTC contribui muito para isso», continuou o governante.

Admitindo que «o Estado foi muito célere em exigir às autarquias que fizessem os seus planos e muito "mandrião" em fazer os seus», João Ferrão considera que os PROT's vêm agora definir as responsabilidades do Estado em matéria de Ordenamento do Território, não numa lógica de «visão iluminada do Estado para os outros, mas de visão partilhada com os outros». Outros estes que são, logicamente, as autarquias, mas também o que chamou «as elites», ou seja, as instituições que influenciam e contribuem para

o desenvolvimento de uma região.

Ontem foram 22 os representantes das «elites» da Região Centro que, divididos em três grupos, discutiram uma das três linhas de desenvolvimento em análise e apresentaram várias propostas que consideraram importantes para o futuro da região, tendo em conta três cenários distintos sobre o estado hipotético do Mundo e do país dentro de 18 anos.

Convidados a escolher o que mais poderia contribuir para o desenvolvimento da Região Centro, 13 dos participantes (59%) escolheram aquele que está mais próximo da realidade actual, ou seja, em que apesar das questões ambientais serem problemáticas, a Europa é aquela em que estes menos se fazem sentir e em que, apesar de se verificar um policentrismo (vários núcleos urbanos), as populações se concentram em grandes centros urbanos. ●



Sugerido sistema regional de inovação

## **Estratégia partilhada para desenvolver o Centro**

**Página 9**